

RICHELLE MEAD



Sombras
Prateadas

DA SÉRIE *Bloodlines*

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Richelle Mead

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafa atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Silver Shadows

CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Isadora Prospero

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mead, Richelle

Sombras prateadas / Richelle Mead ; tradução Guilherme
Miranda. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: Silver Shadows

ISBN 978-85-65765-59-6

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título. II. Série.

15-00113

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br



1

Sydney

ACORDEI NO ESCURO.

Não era nenhuma novidade, já que eu tinha acordado no escuro nos últimos... bom, não sabia quantos dias. Podiam ser semanas ou meses. Eu havia perdido a noção do tempo naquela cela fria e minúscula, com o piso de pedra dura servindo de cama. Meus captores podiam me manter acordada ou dormindo com a ajuda de uma droga que tornava impossível medir a passagem do tempo. Durante um período, tive certeza de que a droga estava na comida ou na água, por isso entrei em greve de fome. Não adiantou, e a única coisa que consegui foi ser alimentada à força — uma experiência que nunca, nunca mesmo, gostaria de repetir. Finalmente entendi que a droga vinha através do sistema de ventilação e, ao contrário da comida, não dava para entrar em greve de ar.

Por um tempo, tive a ideia fantasiosa de contar os meses a partir do meu ciclo menstrual, como as mulheres faziam em sociedades primitivas, sincronizando-se com a lua. Meus captores, defensores da limpeza e da eficiência, haviam até fornecido produtos de higiene feminina para quando chegasse a hora. Mas esse plano também não deu certo. Parar o anticoncepcional de repente desregulou meus ciclos e tornou impossível medir qualquer coisa, ainda mais com aquelas horas de sono malucas. A única coisa de que eu tinha certeza era que não estava grávida, o

que foi um alívio enorme. Se tivesse um filho de Adrian, os alquimistas teriam poder ilimitado sobre mim. Mas só havia eu naquele corpo, e eu era capaz de suportar qualquer coisa que eles fizessem contra mim. Fome, frio. Não importava. Não ia deixar que me destruíssem.

— Você pensou sobre seus pecados, Sydney?

A voz feminina e metálica reverberou pela cela pequena, parecendo vir de todas as direções ao mesmo tempo. Sentei, puxando a camisola áspera até o joelho. Era mais por força do hábito do que qualquer outra coisa. Além de não ter manga, ela era tão fina que não esquentava nada. Só me dava uma sensação psicológica de decência. Os alquimistas me deram a camisola após algum tempo de cativeiro, dizendo que era um símbolo de boa vontade. Acho que na verdade não conseguiam lidar comigo nua, ainda mais quando viram que não estava tendo o efeito esperado.

— Eu dormi — respondi, contendo um bocejo. — Não tive tempo pra pensar. — A droga no ar me mantinha sonolenta o tempo todo, mas eles também mandavam alguma espécie de estimulante que garantia que eu ficasse acordada quando queriam, por mais exausta que estivesse. O resultado era que nunca me sentia descansada de verdade, o que era exatamente o objetivo deles. Pressão psicológica funcionava melhor contra uma mente cansada.

— Você sonhou? — perguntou a voz. — Sonhou com a redenção? Sonhou com a sensação de ver a luz outra vez?

— Você sabe que não. — Eu estava estranhamente falante. Eles viviam me fazendo essas perguntas e normalmente eu não dizia nada. — Mas, se vocês pararem de me sedar, talvez eu consiga dormir de verdade e ter sonhos pra contar.

Acima de tudo, se eu dormisse de verdade, livre das drogas, Adrian poderia me encontrar nos meus sonhos e me ajudar a encontrar uma saída daquele buraco dos infernos.

Adrian.

Só o seu nome me fazia suportar aquelas horas longas e sombrias. Pensar nele, no nosso passado e no nosso futuro, me ajudava a sobreviver ao presente. Era comum me perder em devaneios, lembrando dos poucos meses que tivemos juntos. Foi tão pouco tempo mesmo? Nada mais nos meus dezenove anos parecia tão vívido ou cheio de sentido quanto aquela época. Eu passava os dias pensando nele. Revivia cada lembrança preciosa, as alegres e as tristes, e, depois que as esgotava, fantasiava sobre o futuro. Vivia cada um dos cenários possíveis que tínhamos imaginado para nós dois, todos os nossos “planos de fuga” bobos.

Adrian.

Ele era o motivo de eu sobreviver àquela prisão.

E também era o motivo de eu ter ido parar naquele lugar.

— Você não precisa que seu subconsciente diga o que seu consciente já sabe — a voz falou. — Você é impura e maculada. Sua alma está envolta em trevas e você pecou contra os seus.

Soltei um suspiro diante daquela velha retórica e mudei de posição, tentando ficar mais confortável, embora fosse uma batalha perdida. Fazia séculos que meus músculos estavam em um estado constante de tensão. Não havia possibilidade de conforto naquele lugar.

— Deve ser triste para você — continuou a voz — saber que partiu o coração do seu pai.

Essa era uma técnica nova e me pegou tão de surpresa que retruquei sem pensar.

— Meu pai não tem coração.

— Ele tem, Sydney. Ele tem. — A menos que eu estivesse enganada, a voz parecia contente por ter me feito falar. — Ele lamenta muito sua decadência. Ainda mais porque você era muito promissora para nós e nossa luta contra o mal.

Me arrastei para trás até encostar na parede áspera.

— Bom, ele tem outra filha que é muito mais promissora agora, então estou certa de que vai superar.

— Você partiu o coração dela também. Os dois estão sofrendo mais do que você pode imaginar. Não seria bom se reconciliar com eles?

— Você está me oferecendo essa chance? — perguntei, desconfiada.

— Estamos te oferecendo essa chance desde o começo, Sydney. É só dizer as palavras certas e ficaremos felizes em começar seu caminho rumo à redenção.

— Você está me dizendo que isto aqui ainda não é parte do caminho?

— *Isto* é parte do esforço para purificar sua alma.

— Certo — eu disse. — Purificar minha alma através da fome e da humilhação.

— Você quer ver sua família ou não? Não seria bom sentar com eles e conversar?

Não respondi; em vez disso, tentei descobrir qual era a jogada. A voz já tinha me oferecido muitas coisas, a maioria itens de conforto: calor, uma cama macia, roupas de verdade. Também haviam proposto outras recompensas, como a cruz de madeira que Adrian tinha feito para mim e comida muito mais apetitosa do que o mingau com que vinham me mantendo viva. Tentaram até me seduzir com o aroma de café pelo sistema de ventilação. Alguém, provavelmente dessa família que se importava tanto comigo, devia ter contado minhas preferências.

Mas isso... A chance de ver e falar com outras pessoas era outra história. Embora Zoe e meu pai não estivessem exatamente no topo da lista de quem eu gostaria de ver no momento, o que me interessou foram as implicações do que os alquimistas estavam oferecendo: uma vida fora daquela cela.

— O que eu teria que fazer? — perguntei.

— Você sabe o que tem que fazer — a voz respondeu. — Admitir sua culpa. Confessar seus pecados e dizer que está pronta para se redimir.

Quase disse: *Não tenho nada para confessar*. Era o que tinha dito centenas de vezes antes. Talvez milhares. Mas estava intrigada. Se fosse encontrar outras pessoas, eles teriam de desligar aquele veneno no ar, certo? E então eu poderia sonhar...

— É só dizer essas palavras que posso ver minha família?

A voz era tão condescendente que chegava a irritar.

— Claro que não imediatamente. Você precisa fazer por merecer. Mas poderá passar para o próximo estágio da sua cura.

— Reeducação — eu disse.

— Seu tom faz parecer que é algo ruim — disse a voz. — Nós fazemos isso para ajudar você.

— Não, obrigada — eu disse. — Estou me acostumando com este lugar. Seria uma pena sair daqui agora.

Além disso, eu sabia que a verdadeira tortura começaria na reeducação. Claro, poderia não esgotar tanto meu corpo quanto aquela cela escura, mas seria lá que eles se focariam no controle mental. As condições penosas da cela eram apenas uma preparação, com o objetivo de me deixar fraca e impotente para que estivesse suscetível quando tentassem mudar minha mentalidade na reeducação. Para que agradecesse àqueles monstros pelo que fariam comigo.

Ainda assim, não conseguia deixar de pensar que, se saísse daquela cela, teria a chance de dormir e sonhar normalmente. Se entrasse em contato com Adrian, tudo poderia mudar. No mínimo, saberia que ele estava bem... se eu sobrevivesse à reeducação, claro. Podia especular o tipo de manipulação psicológica que tentariam usar sobre mim, mas não dava para ter certeza. Será que eu suportaria? Será que conseguia manter a mente intacta, ou eles me fariam ir contra todos os meus princípios e entes queridos? Era o risco de sair daquela cela. Também sabia que os alquimistas possuíam drogas e técnicas para fazer seus mandos “pegarem”, por assim dizer, e, embora fosse possível que eu estivesse protegida, graças ao uso regular de magia antes de ter sido

aprisionada, ainda tinha medo de estar vulnerável. O único jeito seguro que conhecia de me proteger da compulsão alquimista era por meio de uma poção que eu já havia produzido e usado com bons resultados num amigo meu — mas não em mim mesma.

Outras reflexões foram deixadas para depois quando senti um cansaço profundo. A essa altura, já sabia que não dava para resistir e deitei no chão, permitindo que um sono pesado e sem sonhos caísse sobre mim, sepultando as ideias de liberdade. Mas, antes que a droga me derubasse, disse o nome dele mentalmente, usando-o como um amuleto para me manter firme.

Adrian.

Um tempo indefinido depois, acordei e encontrei comida na cela. Era o mingau de sempre, algum tipo de cereal quente de caixinha que devia ser fortificado com vitaminas e minerais para, na medida do possível, me manter saudável. Mas chamar aquilo de “cereal quente” era generosidade. “Morno” seria mais adequado. Eles o deixavam o mais insosso possível. Com ou sem gosto, comi automaticamente, sabendo que precisava manter as forças para quando saísse daquele lugar.

Se é que um dia vou sair daqui.

Esse pensamento traiçoeiro surgiu antes que eu pudesse impedir. Era um medo que vinha me assombrando, a possibilidade de me manterem ali para sempre, de eu nunca mais ver as pessoas que amava — Adrian, Eddie, Jill, ninguém. De nunca mais praticar magia. De nunca mais ler um livro. Este último pensamento me atingiu com força porque, naquele dia, por mais que os devaneios sobre Adrian me ajudassem a atravessar as horas sombrias, eu daria tudo por algo tão mundano quanto um romance barato para ler. Aceitaria até uma revista ou um panfleto. Qualquer coisa que não fosse a escuridão e aquela voz.

Seja forte, repeti para mim mesma. Seja forte por você. Seja forte por Adrian. Ele faria o mesmo, não faria?

Sim, faria. Onde quer que estivesse, ainda em Palm Springs ou em outro lugar, eu sabia que Adrian nunca desistiria de mim, e precisava estar à altura. Tinha que estar pronta para quando estivéssemos juntos novamente. Tinha que estar pronta para o nosso reencontro.

Centrum permanebit. As palavras em latim ecoaram na minha cabeça, me dando forças. Significavam “o centro vai aguentar” e eram inspiradas em um poema que Adrian tinha lido. *Nós somos o centro agora*, pensei. *E eu e ele vamos aguentar, custe o que custar.*

Terminei a refeição miserável e fui me lavar na pequena pia no canto da cela, tateando o caminho na escuridão até chegar ao lado do pequeno vaso sanitário. Um banho ou ducha de verdade estavam fora de questão (embora eles já tivessem oferecido isso como recompensa) e eu precisava me limpar diariamente (ou o que achava que era diariamente) com uma toalha de rosto e água fria com cheiro de ferrugem. Era humilhante saber que eles estavam observando com suas câmeras de visão noturna, mas ainda era mais digno do que ficar suja. Eu não daria essa satisfação a eles. Continuaria sendo humana, embora estivessem me acusando justamente do contrário.

Quando estava limpa o suficiente, voltei a me encolher na parede, batendo os dentes enquanto a pele molhada tremia sob o ar frio. Será que algum dia me sentiria aquecida de novo?

— Sydney, falamos com seu pai e sua irmã — a voz disse. — Eles ficaram tristes em saber que você não queriavê-los. Zoe até chorou.

Fiz uma careta por dentro, me arrependendo de ter entrado no jogo deles da última vez. Agora a voz achava que chantagem familiar exercia algum efeito sobre mim. Como eles podiam achar que eu gostaria de ver as pessoas que haviam me trancado naquele lugar? Os únicos membros da minha família com quem eu queria falar — minha mãe e minha irmã mais velha — não deviam estar na lista de visitas,

ainda mais se meu pai tivesse vencido o divórcio. *Esse* resultado era algo que eu queria saber, mas não ia revelar meu interesse.

— Você não se arrepende da dor que causou a eles? — perguntou a voz.

— Acho que são eles que deviam se arrepender da dor que me causaram — retruquei.

— Eles não queriam te causar nenhuma dor. — A voz parecia estar tentando me consolar, mas eu só queria socar quem estivesse por trás dela, e olha que não sou uma pessoa violenta. — Eles fizeram o que fizeram para te ajudar. É tudo que estamos tentando fazer. Eles adorariam ter a chance de conversar com você e se explicar.

— Aposto que sim — murmurei. — Se é que vocês falaram com eles. — Eu estava me odiando por manter uma conversa com meus captores. Fazia tempo que não falava tanto. Eles deviam estar adorando.

— Zoe perguntou se pode trazer um *latte* de baunilha light pra você quando vier. Dissemos que sim. Tudo que queremos é uma visita civilizada, para vocês sentarem e terem uma conversa sincera, que cure sua família e especialmente sua alma.

Meu coração bateu mais rápido, e não era pela promessa do café. A voz estava confirmando o que já tinha sugerido antes. Uma visita de verdade, sentar, tomar café... aquilo só poderia acontecer fora da minha cela. Se a oferta fosse real, eles nunca trariam meu pai e Zoe para aquele lugar — não que meu objetivo fossevê-los. O que eu queria era sair dali. Ainda acreditava que era capaz de ficar lá para sempre, de suportar o que quer que eles fizessem contra mim. E era. Mas o que estava conseguindo com isso? Só provava que eu era durona e rebelde, e, por mais que me orgulhasse dessas coisas, elas não estavam me levando para perto de Adrian. Nem de Adrian, nem de nenhum dos meus amigos. Eu precisava sonhar. Para sonhar, precisava me livrar da sedação contínua.

E não era só isso. Se saísse daquela cela pequena e escura, talvez

conseguiisse praticar magia. Talvez descobrisse para qual parte do mundo tinham me levado. Talvez pudesse me libertar.

Mas primeiro precisava sair daquela cela. Eu tinha pensado que ficar ali fosse um ato de bravura, mas, de repente, suspeitei que sair fosse o verdadeiro teste de coragem.

— O que você acha, Sydney? — A voz parecia entusiasmada, quase ansiosa, o que contrastava com o tom altivo e imperioso a que eu havia me acostumado. Eles nunca tinham despertado meu interesse antes.
— Gostaria de dar seus primeiros passos para limpar sua alma... e ver sua família?

Há quanto tempo eu definhava naquela cela, entrando e saindo desse estado de consciência perturbado? Ao tocar o torso e os braços, notei que tinha perdido bastante peso, o tipo de perda que levava semanas. Semanas, meses... eu não fazia ideia. E, enquanto estava ali, o mundo continuava dando voltas, um mundo cheio de gente que precisava de mim.

— Sydney?

Não querendo parecer muito ansiosa, tentei me esquivar.

— Como sei que posso confiar em vocês? Que vão me deixar ver minha família se eu... começar essa jornada?

— O mal e a mentira não fazem parte do nosso caminho — disse a voz. — Somos adeptos da luz e da honestidade.

Mentirosos, pensei. Fazia anos que eles mentiam para mim, dizendo que pessoas boas eram monstros e tentando ditar como eu deveria seguir a minha vida. Mas não importava. Só precisava que mantivessem a palavra em relação à minha família.

— Vou ter... uma cama de verdade? — Conseguí deixar a voz embargada. Os alquimistas tinham me ensinado a ser uma excelente atriz e, agora, veriam seu treinamento em ação.

— Sim, Sydney. Uma cama de verdade, roupas de verdade, comida de verdade. E pessoas com quem conversar... pessoas que vão te ajudar se você ouvir.

Essa última parte fechou o acordo. Se fossem me manter perto de outras pessoas regularmente, não poderiam mais drogar o ar. Naquele momento, senti que ficava mais alerta e agitada. Eles estavam mandando o estimulante pelo sistema de ventilação, e a droga me deixava ansiosa, querendo tomar decisões por impulso. Era um bom recurso sobre uma mente cansada e estava funcionando — só não do jeito como eles queriam.

Por hábito, levei a mão à clavícula, tocando uma cruz que não estava mais lá. *Não deixe que eles me mudem*, orei em silêncio. *Permita que eu mantenha minha sanidade. Permita que eu suporte o que está por vir, seja lá o que for.*

— Sydney?

— O que preciso fazer? — perguntei.

— Você sabe o que precisa fazer — a voz respondeu. — Sabe o que precisa dizer.

Levei a mão ao peito e as palavras agora não eram uma oração, mas uma mensagem silenciosa para Adrian: *Espere por mim. Seja forte e também serei. Vou lutar e resistir a tudo que me aguarda. Não vou te esquecer. Nunca vou te abandonar, apesar de todas as mentiras que terei de contar a eles. Nossa centro vai aguentar.*

— Você sabe o que precisa dizer — a voz repetiu. Ela estava quase salivando.

Limpei a garganta.

— Pequei contra os meus e deixei minha alma ser corrompida. Estou pronta para expurgar essa escuridão.

— E quais foram os seus pecados? — a voz perguntou. — Confesse o que você fez.

Isso era mais difícil, mas consegui encontrar as palavras. Para chegar mais perto de Adrian e da liberdade, eu era capaz de falar qualquer coisa.

Respirei fundo e disse:

— Me apaixonei por um vampiro.

E, de repente, fui cegada pela luz.